

Alfabetização, conscientização*

Paulo Rosas

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 150 p.

205

Educação como prática da liberdade é uma obra indicadora do término de uma etapa e o início de outra. Isto é: término de uma das que seriam múltiplas “fases de oralidade”, quando Freire muito escutou, disse, aprendeu, para a etapa seguinte, quando novas perspectivas o levaram a retificações, a dar forma, sistematizar, escrever o que fora “partejado” nos anos antecedentes. É o que está quase explícito no *Agradecimento*, não personalizado, que dá o tom da abertura do livro (p. 33). De certo modo, é um *livro-transição*.¹

Quando falo em etapas, não penso em configurações rígidas, diferentes umas das outras. Mas em um processo, em momentos que, de algum modo, vão sofrendo mudanças indicadoras de seu desenvolvimento.

No capítulo 4, “Educação e Conscientização” (p. 102-122), Paulo Freire mostra, com clareza, os dois momentos dessa *transição* de que venho falando. Descreve, no primeiro momento, como se operou o processo de criação do “método”. Fala de uma experiência *vivida* no MCP. Do Círculo de Cultura como lócus onde temas problematizados, referentes à realidade brasileira, em parte sugeridos pelos próprios integrantes dos grupos (“círculos”), eram discutidos, tais como: nacionalismo, remessa de lucros para o estrangeiro, evolução política do Brasil, desenvolvimento, analfabetismo, voto do analfabeto, democracia.

* Texto publicado originalmente em: Rosas, Paulo. *Papeis avulsos sobre Paulo Freire 1*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2003. p. 111-114.

¹ N. do E.: Paulo Freire narra como foi a publicação de seu primeiro livro na entrevista publicada em *Aprendendo com a própria história* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. p. 99-102, capítulo VI: Escrevendo no Chile: tempos fecundos). Um trecho dessa entrevista é reproduzido neste número da revista *Em Aberto*, p. 175-178.

Seis meses de encontros e debates, cujos resultados eram avaliados como surpreendentes, conduziram a um questionamento novo, assim formulado por Freire (p. 103): “se não seria possível fazer algo, com um método também ativo, que nos desse resultados iguais, na alfabetização do adulto, aos que vínhamos obtendo na análise da realidade brasileira”.

Parecia evidente que nenhum método mecânico seria válido para se alcançar com a alfabetização o que se conseguira com a discussão de problemas sociais e políticos. A resposta, pensava Freire (p. 107), “parecia estar: a) num método ativo, dialógico, crítico e criticizador; b) na modificação do conteúdo programático da educação; c) no uso de técnicas como a da redução e da codificação.”

Um método de alfabetização de adultos que apresentasse, por completo, as características acima, certamente não existia.

Disponha-se, agora, das pistas para se iniciar a transição para o segundo momento: a definição de um novo método que, sendo de alfabetização de adultos, deveria ser, igualmente, de educação: método ativo, dialógico, crítico e criticizador. A tarefa que agora se impunha a Paulo Freire e a seus colaboradores era assegurar ao novo método uma estrutura coerente: sua fundamentação teórica, suas fases, sua prática.

Em *Educação como prática da liberdade*, Freire retoma os principais problemas discutidos em *Educação e atualidade brasileira*, de 1959:

- 1) a sociedade brasileira em transição;
- 2) sociedade fechada e inexperiência democrática;
- 3) educação *versus* massificação;
- 4) educação e conscientização.

E acrescenta um apêndice, no qual reúne cópias dos desenhos, elaboradas por Vicente de Abreu – não os originais, de Francisco Brennand –, representando as dez situações (*slides* ou cartazes), que seriam apresentadas aos alfabetizandos.

Desde o início, nos dois anexos apresentados em *Educação e atualidade brasileira*, Paulo Freire ressaltava, com uma certa singeleza – não, ingenuidade –, sínteses/raízes da criação que o acompanhariam por toda a vida de filósofo e educador.

O método como tal, é sabido, compreendia cinco fases “de elaboração e de execução prática”, sintetizadas por seu autor desde 1963 e, desde então, aparecidas em várias obras de Paulo Freire, com pequenas alterações, que não afetavam o conteúdo. Em *Educação como prática da liberdade* (p. 112-115), Freire assim enumera as fases do método:

- 1) Levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará.
- 2) A segunda fase é constituída pela escolha das palavras, selecionadas do universo vocabular pesquisado, o que se fazia sob três critérios: a) o da riqueza fonêmica; b) o das dificuldades fonéticas; c) o do “teor pragmático das palavras”, o que implica uma maior pluralidade de engajamento numa dada realidade social, cultural, política, etc.
- 3) A terceira fase consiste na criação de situações existenciais, típicas do grupo com quem se vai trabalhar.

- 4) A quarta fase consiste na elaboração de fichas-roteiro, que auxiliem os coordenadores de debate no seu trabalho.
- 5) A quinta fase é a feitura das fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores.

Com este material, eram preparados *slides* ou cartazes, os quais eram apresentados ao grupo pelo coordenador antecipadamente capacitado. O processo tinha seguimento, conforme o texto original de Paulo Freire, distribuído em seguida. De início, as projeções eram feitas utilizando-se um epidiascópio. Posteriormente, projetores de *slides* ou *strip-films*. Lembra Freire (p. 116) que a projeção era feita “na própria parede da casa onde se instalava um círculo de cultura. Um quadro-negro de baixo custo, também. Nos locais onde se fazia difícil a projeção na parede, usávamos o quadro-negro, cujo lado oposto, pintado de branco, funcionava como tela”.

No ritmo em que o sucesso era comprovado, crescia o número de salas (casas, igrejas, clubes populares...), transformadas em círculos de cultura. Impunha-se adquirir um maior número de projetores, por preços mais baratos. Projetores de fabricação polonesa foram os escolhidos. Para o Programa Nacional de Alfabetização, o MEC havia importado 35.000 aparelhos; além de mais baratos, funcionavam com 220, 110 e 6 volts (p. 116).

Em nenhum momento Paulo Freire se afastou do princípio de que a finalidade do processo deveria ultrapassar os limites do aprender a ler e a escrever: a finalidade a ser alcançada era a *conscientização, conducente à leitura crítica do mundo*. Somente a partir da leitura crítica do mundo é possível dar passos, conscientemente, para transformar o mundo. Transformar, reinventar a sociedade.

Paulo da Silveira Rosas (★1930 – 2003†), psicólogo e escritor, lecionou em diferentes instituições de nível superior do Recife (PE), chefiou departamentos de Psicologia e implantou cursos de pós-graduação. Tornou-se livre docente e doutor em História da Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Seu nome consta no Dicionário Biográfico da Psicologia, como figura atuante e presente na história da Psicologia do Brasil.